

PARTICULARIDADES DO PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO WAI WAI

Patricia Vieira Coelho¹
Rafael Sá Rego de Azevedo²

Resumo

O povo Waiwai vive entre o sul da Guiana e o norte do Brasil sendo um povo indígena que foi evangelizado entre as décadas de 1940 e 1950, por missionários estadunidenses ligados a Unevangelized Fields Mission (UFM). Esse trabalho procura compreender algumas particularidades desse processo de evangelização a partir das observações feitas em um trabalho de campo de um mês na aldeia Kwanamari, na Terra Indígena (TI) Trombetas-Mapuera, norte do Pará. Junto as observações de campo procurou-se traçar um histórico desse processo de evangelização para tentar evidenciar algumas particularidades.

Palavras-chave: Waiwai, evangelização, Palavra-chave 3. (Times 12)

Introdução

Os Waiwai são indígenas evangélicos, de princípios batistas, tiveram contato com o evangelho na sua própria língua no início do século passado, através de missionários norte-americanos que estudaram o idioma para a evangelização e tradução da bíblia.

A evangelização de um povo indígena é, em diferentes aspectos, um tema bastante complexo. Contribuições importantes como Oliveira (2010) e Sousa (2015) que trazem reflexões sobre a evangelização dos Waiwai são referencias para este trabalho.

Este trabalho surge no sentido de contribuir à temática indígena, trata-se de relacionar o processo de evangelização de princípios batistas realizada pelos missionários evangélicos norte-americanos nos anos 40 e procurar contribuir com a temática sobre os novos cristãos Waiwai.

Para realizar este estudo valeu-se, primeiramente, de trabalho de campo realizado no segundo semestre do ano de 2012 na aldeia Kwanamari - PA, às margens do Rio Trombetas. Tratava-se de um projeto dessa instituição, de coordenação da Prof.^a Dr.^a Marissol Barenco, intitulado "Desenvolvimento Participativo de Arte e Cultura no Território Quilombola Mãe Domingas e na Terra Indígena Trombetas-Mapuera do Alto Trombetas no município de Oriximiná-PA", onde nove estudantes de diversos cursos de graduação (psicologia, cinema,

¹UFF, patriciacoeelho.geo@gmail.com

²UFF, Rafael_sr_azevedo@hotmail.com

geografia, entre outros) conviveram durante três meses divididos entre uma comunidade quilombola e uma aldeia indígena. O objetivo do projeto era produzir um caderno temático sobre os mitos e lendas quilombolas e indígenas, “colhidos” durante o campo na escola quilombola e na casa grande indígena. Os mitos e lendas foram trabalhados com os estudantes quilombolas e com as famílias indígenas, após “colhidos” e lidos, elegeram-se (todos os presentes votaram) uma história para encenar o teatro de fantoches, que seria a culminância do nosso projeto em campo. Mas para o projeto, a sua culminância, seria o caderno temático acoplado a um DVD com imagens das comunidades, um vídeo para cada apresentação teatral e um passo-a-passo da produção da peça. Infelizmente o caderno temático não ficou pronto no prazo por problemas editoriais.

Embora o campo não tenha sido exclusivo para a realização desse trabalho, o estranhamento causado pela vivência juntamente com as recordações carregam a motivação para a realização desse trabalho.

Pretende-se abordar aspectos relevantes do grupo, bem como seu processo de evangelização, para, então entendermos as novas práticas evangélicas adotadas pelos Waiwai.

O processo de evangelização

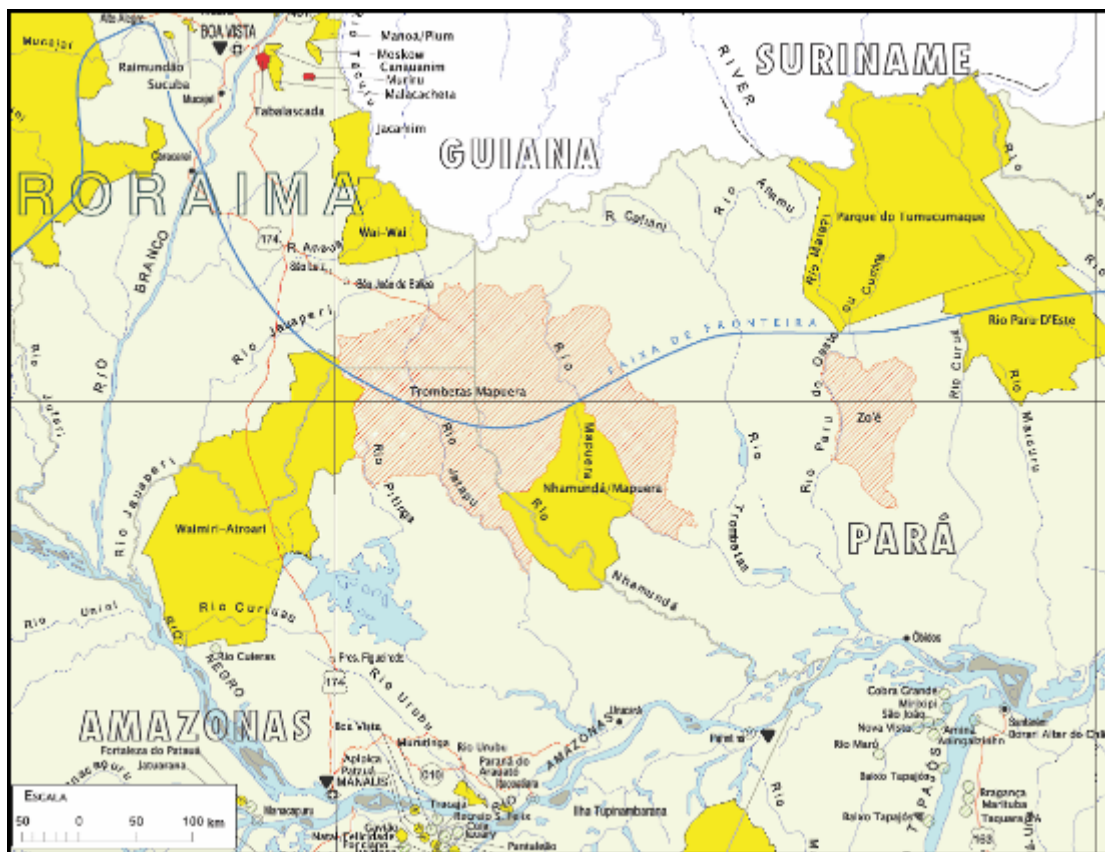
O povo Waiwai se concentra no domínio morfoclimático Amazônico Ab’Saber (2003), principalmente na área que abrange o rio Essequibo, na Guiana, e os rios brasileiros Anauá e Jatapuzinho em Roraima, os rios Jatapu e Nhamundá no Amazonas e o rio Mapuera no Estado do Pará. Sendo assim, podemos dizer que, hoje, eles estão concentrados entre a Guiana e o norte do Brasil.

Atualmente há duas aldeias no sul da Guiana com um número de habitantes que varia entre 130 e 170, dependendo de diversos fatores como a época do ano e longas visitas intercomunitárias que alteram significativamente o número de habitantes nas aldeias.

No Brasil, a população total dos Waiwai oscila entre 3000 mil habitantes. No censo de 2010 foram contadas 2292 pessoas e esse número cresce cada ano. Aqui no Brasil, os Waiwai vivem em áreas oficialmente reconhecidas, distribuídas em três Terras indígenas (T.I.), a conferir:

- T.I. Nhamundá/Mapuera (Pará), com uma área de 1.049.520 ha e população de 2.218;

- T.I. Trombetas/Mapuera (Amazonas/RR/Pará), com uma área de 3.970.418 ha e população de 500;
- T.I. Waiwai (RR), com uma área de 405.698 ha e população de 196.



Mapa simplificado das Terras Indígenas habitadas pelos Waiwai no Brasil: Waiwai, Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera. Fonte: Queiroz (2008).

Em seus estudos, Queiroz (2008), afirma que os Waiwai fazem parte de um complexo cultural denominado *Tarumã-Parukoto*, e não correspondem a uma única unidade étnica, eles se reconhecem e são reconhecidos por denominações menos englobantes, como *Hixkaryana*, *Mawayana*, entre outras que adotam o sufixo “yana”, que por sua vez, designa "coletivo". A língua karib, aproximou ainda mais os grupos e com a instalação da UFM (Unenvangelized Field Mission) e a participação de outros agentes, como a FUNAI e a FUNASA. E o uso do termo “Waiwai” passou a designar não apenas a língua *Karib* mas também o coletivo de índios como um todo, passando, então, a se autodenominarem “comunidades Waiwai”.

A Unevangelized Fields Mission (UFM) foi criada em 1931 e sua proposta consistia em evangelizar povos em todos os lugares do planeta, como escrito na bíblia, no Evangelho segundo Marcos, capítulo 16, versículo 15 e 16; “E disse-lhe: Ide por todo mundo, pregai o

evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.” Seguidores fiéis, desejam a evangelização de todos os povos do planeta.

Junto à aproximação dos agentes não-indígenas e, principalmente, os missionários norte-americanos outras formas de organização socioespacial foram percebidas, Queiroz acredita que um exemplo dessas novas formas de organização se deu no processo de concentração das casas coletivas nos dois lados da Serra do Acarai, com novos padrões de assentamento implantados pelos missionários e que resultaram em grandes aldeias como, por exemplo, a aldeia de Mapuera, Pará, com mais de 100 famílias. Porém esse processo de centralização está atualmente sendo seguido por outro de dispersão e criação de novas comunidades Waiwai, como as de Catual, Soma, Samaúma, Kwanamari entre outras.

Importante ressaltar que esse processo de concentração e dispersão das diversas comunidades coincidem com o momento de maior atuação dos missionários evangélicos, podemos dizer que esse período é marcado por uma ocupação territorial baseada em interesses políticos relacionados, principalmente, após o contato com os não-índios.

Três irmãos, Rader, Neill e Robert Hawkins, foram criados para serem missionários de sua fé. O pai o pastor William Hawkins era considerado um “exemplo vivo dos padrões bíblicos tradicionais” que valorizava as doutrinas do pecado e da salvação, e sua mãe uma mulher piedosa que treinara os filhos desde pequenos para a obra missionária fora do país (DOWDY, 1997, p.49).

Tratava-se de uma família conservadora, viviam no Texas. Estado considerado a direita protestante da América do norte.

O Texas faz parte do chamado Bible Belt, uma região conservadora no Sul dos Estados Unidos onde predominam igrejas teologicamente orientadas a partir dos grandes reavivamentos do final do século XVIII e século XX, e em sua maioria, pelo fundamentalismo do início do século XX. Considerada a “direita” protestante norte-americana, essa vertente é usualmente identificada como evangelical, e se distingue da Main Line Protestant Church, adepta de uma teologia modernista ou liberal (OLIVEIRA, 2010, p. 31).

Os irmãos Hawkins não sabiam muito sobre os Waiwai, apenas que a habitavam as florestas impenetráveis na fronteira do Brasil com a Guiana e que era “um povo imundo e com muitos cachorros” (DOWDY, 1997, p.50). Mesmo assim, em 1948, os irmãos contatam os Waiwai, segundo Oliveira (2010, p.24) a visita dos Hawkins à região foi uma sondagem para o estabelecimento de uma base missionária na Guiana, o que ocorreu no ano seguinte.

Em 1956, Robert Hawkins junto a sua mulher Mary Hawkins, se estabelecem na fronteira entre o Brasil e Guiana, ali eles fundaram um centro de treinamento e orientação de missionários e também uma nova base da UFM.

A sede da UFM localizava-se em Londres, mas em 1941 sua base na Filadélfia já se destacava pela quantidade de fiéis e por associações com grandes empresários, era a mais importante frente de contribuição financeira. Além do Brasil, a UFM enviava missionários para o Congo Belga e a Índia (principalmente norte-americanos e canadenses). Em terras brasileiras, os missionários atuavam principalmente em áreas indígenas (SOUZA, 2008). O século XX foi o ano em que o Brasil recebeu diversas missões, “o Brasil tornou-se o país com o maior contingente de missionários norte-americanos do mundo. Em 1976 contava com um total de 2.170 missionários norte-americanos” (DREHER, 1992, p. 338).

A UFM ao chegar ao Brasil no ano de 1959 muda seu nome para Cruzada de Evangelização Mundial, para evitar problemas burocráticos com órgãos governamentais como o SPI e, também, para facilitar a aceitação de uma instituição estrangeira frente ao povo brasileiro, segundo consultores de marketing essa é uma estratégia muito comum entre as empresas capitalistas. Isso aconteceu com Unevangelized Fields Mission, com a New Tribes Mission que traduziu seu nome para Missões Novas Tribos no Brasil (MNTB) e com a Summer Institute of Linguistics que mudou para Sociedade Internacional de Linguística (SIL).

Em 1970 a Cruzada de Evangelização Mundial, toma medidas para “abrasileirar” a instituição, criação de cargos, permissão de brasileiros em cargos mais altos, como a presidência e, principalmente, a alteração do nome para Missão Evangélica na Amazônia (MEVA). Segundo o site da instituição a MEVA é hoje uma missão nacional, com liderança nacional, contando apenas com uma parcela de missionários estrangeiros³. Ela conta atualmente com 33 igrejas indígenas, as quais possuem estrutura, liderança e programas próprios, sendo seis na área Macuxi, quatro na área Wapixana, cinco na área Yanomami e dezoito na área Waiwai. Apesar de as igrejas possuírem liderança indígena, alguns missionários ainda residem ou fazem visitas periódicas às comunidades.

A UFM tinha um programa complexo para a evangelização indígena que consistia em aplicar o evangelho, junto à questões relacionadas saúde, a educação e a moral cristã. Os missionários que chegavam principalmente dos EUA, passavam por um processo de formação

³ www.meva.org.br

no Brasil que compreendia um curso sobre a língua portuguesa e cultura brasileira, depois faziam um curso de sobrevivência na selva junto aos indígenas já evangelizados e assimilação de diferentes línguas indígenas e estágio em uma comunidade brasileira relativamente longe da sede em Belém, mas próximo as outras aldeias.

Segundo Oliveira, os missionários desenvolveram um método de conversão próprio para os indígenas,

Sua estratégia de evangelização envolveu a atração de um grande contingente indígena para as imediações da sua base de trabalho na Guiana. Os índios atraídos eram provenientes também do território Brasileiro, e foram alfabetizados em Waiwai, para que assim pudessem ler a Bíblia, traduzida pelos missionários. (OLIVEIRA, 2010, p.4).

A tradução da bíblia foi uma das primeiras medidas tomadas pelos missionários, durante 46 anos foram empregados esforços para a tradução do que chamaram de “Kaan Karitan” (2001). Traduzida por “Livro de Deus”, e por “Papel de Deus”. A tradução da bíblia foi uma tarefa que exigiu muitos esforços, mas para os missionários a bíblia “era a fonte do conhecimento de Deus e de sua vontade revelada aos homens.

O modo como se devia viver, cultivar, se relacionar com o próximo estavam contidos nas Escrituras. Ao ter essa fonte, os indígenas saberiam o “caminho das pedras” rumo à “vida eterna”. (SOUSA, 2005, p.38)

E por outro lado,

A convicção da posse da verdade contida na Bíblia conduz a uma atitude inflexível por parte dos fundamentalistas, que não vêem sentido no diálogo com os que não afirmam a mesma verdade. Daí a rejeição que os missionários de maneira geral apresentam em relação às cosmologias e práticas nativas. (OLIVEIRA, 2010, p.40).

Uma das práticas nativas condenadas pelos missionários estava ligada ao uso e manipulação de medicamentos naturais que estavam ligados ao sobrenatural, ao místico, enquanto que os remédios alopáticos eram associados à Deus. Segundo Souza, os missionários administravam as doses necessárias sempre seguidas de oração, de modo que, para as representações indígenas, a cura, mesmo provocada pelos remédios, era atribuída ao Deus cristão, em parte porque as representações missionárias davam conta de que todo o conhecimento é, antes de tudo, conhecimento do próprio Deus, de modo que, para os missionários, associar a alopatia à ação divina estava em pleno acordo (Souza, 2014, p. 39).

Entre a chegada dos missionários para a sondagem da base de apoio e a volta deles preparados para mais uma temporada na aldeia, os Waiwai foram expostos a uma grande epidemia.

Trazida das Savanas pelos Waiwai que haviam atuado como guias dos missionários em seu retorno para Georgetown, continuou matando índios ao longo de todo o ano seguinte. Em 1950, Neill e Robert voltaram ao alto Essequibo(...) Eles traziam consigo remédios eficazes contra a epidemia que assolava os índios (OLIVEIRA, 2010, pág. 24).

Na verdade os missionários contagiaram os Waiwai que trabalharam para eles como guias, e assim se disseminou a epidemia. Durante a ausência dos missionários, o xamã Ewká tenta curar a epidemia por meio do seu conhecimento xamânico e da biodiversidade da floresta amazônica, mas as origens da epidemia estavam longe da floresta. Dessa forma o numero de mortos aumentava quando os missionários voltaram trazendo “remédios eficazes”. Sabendo do esforço de Ewká, os missionários propõem um desafio ao xamã que então, é estimulado pelos missionários a desafiar os espíritos com os quais se relacionava. Ao fazer isso e não morrer, Ewká se converte ao cristianismo, influenciando fortemente a conversão dos Waiwai (DOWDY, 1997; OLIVEIRA, 2010).

A conversão de Ewká foi considerada uma grande vitória pelos missionários, pois o Ewká carrega prestígio social e poder de influencia, acreditava-se que o abandono do xamanismo significaria a morte do xamã. Então, converter Ewká era um dos principais objetivos do plano de estratégias dos missionários;

Ferreira de Souza chama de “pregação seletiva”, que consistia em alcançar primeiramente as pessoas influentes na comunidade, preferencialmente aquelas que exerciam algum tipo de liderança. Era uma forma de não identificar a nova religião como algo inferior, ou a pessoas consideradas de “segunda classe”. Outra razão era que uma pessoa influente traria o restante do povo, ou boa parte dele, para o protestantismo. Depois desse episódio com Ewká e os Waiwai, o método era tido como “infalível” (SOUSA, 2015 apud SOUZA, 2003).

Concomitante à evangelização, os Waiwai estreitaram laços com outros grupos indígenas, evangelizando-os alguns deles, facilitado tanto pelo seu caráter sociável, agregador e comunicativo, quanto pelos aparatos materiais e imateriais disponibilizados pela UFM. Identificamos outra estratégia, fundamentada na formação de novos missionários e de pastores para atuarem em diversas outras aldeias. São os próprios indígenas os missionários, gerando diminuindo problemas com o governo brasileiro.

Existem algumas razões para a propagação de missionários norte-americanos nesse período do pós-guerra, onde era crescente a prosperidade no setor econômico. Muitos empresários apoiavam diretamente os missionários ou contribuía através do dízimo às suas igrejas.

A UFM é uma organização paraeclesialística ou interdenominacional. Esse tipo de organização trabalha em parceria com as igrejas e denominações protestantes, mas estrutura-se independentemente delas, através de contribuições individuais de fiéis comprometidos com o sustento de missionários. (OLIVEIRA, 2010, pág.31)

Pregando que a bênção financeira é um desejo de Deus para os cristãos e que a fé, a pregação, o dízimo e as contribuições dos fiéis irão sempre aumentar a riqueza material dos fiéis, ou seja, praticando a teologia da prosperidade os missionários trouxeram presentes antes mesmo do primeiro contato, quando jogavam em sobrevôo aos rios próximos as aldeias objetos de apreço dos Waiwai.

As igrejas que estão nos territórios dos Waiwai foram fundadas por missionários, que durante as pregações valorizavam a moral e o comportamento evangélico, onde “pregava-se enfaticamente, dentre outras coisas, contra o uso de bebidas alcoólicas e contra a imoralidade sexual (fornicação, prostituição, adultério) (Oliveira, 2010).

Os missionários iniciaram um processo de formação de pastores (e multiplicadores) indígenas, baseado em uma série de qualificações cristãs descritas na bíblia, tais como ter somente uma esposa, não consumir bebidas alcoólicas e fermentadas, não brigar, não ser violento, ser hospitaleiro entre outras qualificações que comprovassem a conduta cristã. Após escolhidos os pastores Waiwai, esses recebiam pregações exclusivas dos missionários e então no domingo pregavam ao restante do povo.

Hoje a MEVA continua atuando na Amazônia, são 33 aldeias com igrejas indígenas, alguns missionários continuam convivendo em aldeias, a maioria faz visitas periódicas. A MEVA atua nos países vizinhos Guiana e Venezuela e no Brasil nos estados do Amazonas, Roraima e Pará. A etnia Waiwai conta com 18 aldeias com igrejas.



Mapa de atuação da MEVA

Ainda hoje, os cultos são realizados nas manhãs de domingos, na casa grande. Hoje, na aldeia Kwanamari, por exemplo, há um coral composto por mulheres de diferentes idades, que ficam de lado do pastor, as mais novas na frente e as mais velhas atrás. O pastor ocupa um lugar central, é cercado por instrumentos musicais, principalmente pelo violão e teclado elétrico. Vale ressaltar que somente aos domingos o gerador é ligado durante a claridade do dia, no mais o gerador é ligado às noites, no horário do Jornal Nacional e fica ligado até acabar a novela após o jornal, ambos da emissora Globo.

Apontamentos Finais

Apesar da sociabilidade dos Waiwai, o que vemos hoje nas aldeias evangélicas não há um movimento homogêneo de cristianismo. No final de nossa estadia na aldeia, uma senhora entre 50 E 60 anos, sentiu-se à vontade para se banhar sem roupas na nossa frente, isso ainda não tinha acontecido e refletimos se o evento era pontual, ou se refletia as práticas da aldeia.

Outro fator interessante, foi descrito por Zea, que reflete sobre a felicidade dos Waiwai ao terem sua língua escrita, por meio da tradução da bíblia,

A introdução da escrita certamente constitui um instrumento poderoso para introduzir o Evangelho, mas será que com isso os Waiwai estão efetivamente abandonando sua tradição de transmissão oral dos conhecimentos e suas práticas e concepções cosmológicas? Não há de se perder de vista que, no contexto atual, são os Waiwai (assim como vários povos indígenas) que reivindicam o acesso à escrita e à educação escolar como condição fundamental para sua autonomia. Esse instrumento de comunicação permite aos Waiwai produzirem sua cultura em formato acessível aos não-índios: escrita de projetos, de diversos documentos, nos quais eles são os autores. (ZEA, 2006)

Pode-se perceber que a relação construída entre os missionários e os Waiwai se dava na dualidade, do pecado versus salvação, do bem versus o mal. Como ocorrido com Ewká, quando a aldeia foi contaminada por uma epidemia desconhecida (gripe) dissipada pelos próprios missionários, que vendo a situação do xamã, propuseram que ele tomasse os medicamentos alopatas, e se sobrevivesse, Ewká se converteria ao cristianismo. Essa foi uma grande vitória dos missionários.

Impregnados do fundamentalismo religioso, entenda-se este fundamentalismo como um movimento alicerçado na doutrina da inerrância das Escrituras e na defesa de elementos considerados fundamentais na Bíblia (LOPES, 2004; OLIVEIRA, 2010), os missionários deram bastante ênfase nas escrituras, afim de destacar a singularidade de Deus, do cristianismo.

Dessa forma, considera-se que o processo de evangelização dos waiwai, apresenta singularidades que facilitaram a aceitação da religião cristã entre esse povo. Mas que ao longo dos anos os WaiWai desenvolveram foram de readaptar os valores cristãos ao seu modo de vida cotidiano.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, A. **Economia Indígena em Áreas de Florestas na Amazônia: O Caso dos Índios Waiwai no Sul de Roraima**. Porto Alegre, 2011.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. <http://www.funai.gov.br/>. Último acesso em 01/10/2017.

HOWARD, CV. A Domesticação das Mercadorias: Estratégias Waiwai. In: ALBERT, B; RAMOS, AR(Orgs.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: Unesp, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
<http://www.ibge.gov.br/home/>. Último acesso em: 05/09/2017

DOWDY, H. **O Pajé de Cristo**. Tradução: Fausto Camargo César. São Paulo: Editora Sepal, 1997.

OLIVEIRA, LV. **O cristianismo evangélico entre os Waiwai: alteridade e transformações entre as décadas de 1950 e 1980**. 2010. 129p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, Rio de Janeiro, 2010.

PEREIRA, MDF. Catolicismo, protestantismo e conversão: o campo de ação missionária entre os Tiriyo. In: WRIGHT, R. (Org.) **Transformando os Deuses: Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1999.

QUEIROZ, RC. A saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwai. In: WRIGHT, RM. (org.). **Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

ZEA, ES. **(Trans)formações Waiwai**. In: BARBOSA, RI; MELO, VF. **Roraima: homem, ambiente e ecologia**. Boa Vista: FEMACT, 2010.

_____. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: WaiWai. <<http://piib.socioambiental.org/pt.>> Acesso em 1 ago. 2017.